



Seção: Tradução

Sensualismo e eticidade em Ludwig Feuerbach

Sensualism and ethiccity in Ludwig Feuerbach

Sensualismo y eticidad en Ludwig Feuerbach

Draiton Gonzaga de Souza¹

Autor

Kelvin Amorim de Melo²

Tradutor

Resumo

Este texto apresenta a tradução do artigo *Sensualismo e eticidade em Ludwig Feuerbach*, de Draiton Gonzaga de Souza, originalmente escrito em alemão. O estudo investiga os fundamentos ético-antropológicos da filosofia de Feuerbach, com ênfase em seus escritos tardios, onde se articula uma moralidade de base sensualista, crítica à religião e à metafísica. A presente tradução oferece ao público acadêmico lusófono acesso a uma reflexão relevante sobre egoísmo, ética e reconhecimento na filosofia moral de Feuerbach.

Palavras-chave: Feuerbach. Sensualismo. Moralidade. Ética.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Kassel e em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor no PPG em Filosofia e no PPG em Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9748-2955>. E-mail: dsouza@puers.br.

² Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0835-0331>. E-mail: kelvinamorim@live.com.



Abstract

This text presents the translation of the article *Sensualism and Ethicity in Ludwig Feuerbach*, by Draiton Gonzaga de Souza, originally written in German. The study explores the ethical and anthropological foundations of Feuerbach's philosophy, with a particular focus on his later writings, where he develops a sensualist-based morality that offers a critical stance on religion and metaphysics. By making this translation available, the aim is to provide Portuguese-speaking scholars access to an important reflection on egoism, ethics, and recognition within Feuerbach's moral philosophy.

Keywords: Feuerbach. Sensualism. Morality. Ethics.

Resumen

Este texto presenta la traducción del artículo “Sensualismo y eticidad en Ludwig Feuerbach”, de Draiton Gonzaga de Souza, originalmente escrito en alemán. El estudio examina los fundamentos ético-anropológicos de la filosofía de Feuerbach, con especial atención a sus escritos tardíos, en los que se configura una moralidad de base sensualista, crítica de la religión y de la metafísica. La presente traducción ofrece al público académico de habla portuguesa acceso a una reflexión relevante sobre el egoísmo, la ética y el reconocimiento en la filosofía moral de Feuerbach.

Palabras Clave: Feuerbach. Sensualismo. Moralidad. Ética.

A pesquisa sobre o pensamento de Feuerbach concentrou-se por muito tempo essencialmente em sua crítica à religião na obra *A Essência do Cristianismo* (1841) e nos textos que contêm seu programa de uma *Nova Filosofia*, nomeadamente as *Teses Preliminares para a Reforma da Filosofia* (1843) e os *Princípios da Filosofia do Futuro* (1843). Um dos principais objetivos da Nova Filosofia de Feuerbach é a superação daquela filosofia que faz do Absoluto seu ponto de partida. Em vez disso, Feuerbach defende que se comece pelo ser humano sensual como Eu e Tu e como parte da natureza existente por si mesma. Este é, de fato, um projeto que se revela consequente na teoria do conhecimento, na antropologia e, não menos importante, na filosofia prática. Este conceito é apenas anunciado na Nova Filosofia, mas não é implementado. Poder-se-ia esperar que Feuerbach desenvolvesse seu projeto em escritos subsequentes, mas isso ocorre apenas de forma limitada.

Aqui, concentro-me predominantemente nos escritos de Feuerbach que podem ser considerados uma tentativa de realização de seu projeto no campo da filosofia prática: as obras moral-filosóficas do Feuerbach tardio, que foram pouco tratadas na literatura sobre

ele e cujas premissas se baseiam na concepção de natureza e antropologia desenvolvida em continuidade com a Nova Filosofia. Meu objetivo é verificar se Feuerbach consegue, no contexto do projeto de uma Nova Filosofia apresentado em sua crítica à religião e ao idealismo, desenvolver uma filosofia moral que esteja à altura desse projeto. Para realizar esta análise, é imprescindível examinar se sua concepção das premissas (antropologia e natureza) se mostra adequada para concretizar seu projeto na filosofia prática.

1. Da Teologia à Nova Filosofia

Feuerbach inicia seus estudos na teologia. Posteriormente, volta-se à filosofia, dedicando-se intensamente à filosofia de Hegel. Em uma terceira fase de sua trajetória intelectual, distancia-se do idealismo hegeliano e chega à Nova Filosofia. Feuerbach critica Hegel por não partir do ser real, concreto e sensual, mas do conceito de ser, do ser abstrato. Por outro lado, Feuerbach parte do ser que é uno com a coisa.

A implementação da substituição do ser puro e abstrato pelo ser real e sensual ocorre programaticamente apenas na Nova Filosofia. Antes de realizá-la, porém, Feuerbach substitui inicialmente, na *Essência do cristianismo*, o conceito de Deus pelo da humanidade. Feuerbach mostra que a teologia, como antropomorfismo, exerceu ao longo da história da humanidade uma função positiva. Ao tratar de Deus, na verdade ela, a religião, estava falando do ser humano, de modo que diferentes imagens do ser humano podiam ser reconhecidas através das diferentes imagens de Deus. Deus como "o espelho do ser humano"³ (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 5. 1967, p. 127) e a religião como expressão desse "reflexo" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 5. 1967, p. 127) representam, no entanto, enquanto alguém permanecer fixado nesse mundo invertido, um desvio no caminho para o autoconhecimento do ser humano, ou seja, a teologia o impede de alcançar a si mesmo, pois o ser humano, inicialmente, considera seu ser infinito como algo objetivo, fora de si mesmo, como Deus. Feuerbach considera como tarefa de sua filosofia demonstrar que a oposição entre o divino e o humano é uma ilusão e que o objeto

³ GW 5, 127. GW: *Gesammelte Werke*. Hrsg. v. Werner Schuffenhauer. Berlin 1967 ff. Seit 1993 hrsg. v. der Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften durch Werner Schuffenhauer. Siehe dazu C. Bruaire, *L'homme miroir de Dieu*. *Revue Internationale de Philosophie*. 101 (1972): 345-354. (Obras Completas (*Gesammelte Werke*). Editado por Werner Schuffenhauer. Publicado em Berlim a partir de 1967. Desde 1993, publicado pela Academia de Ciências de Berlim-Brandemburgo sob a organização de Werner Schuffenhauer. Para mais informações, veja: C. Bruaire, *L'homme miroir de Dieu* (O homem, espelho de Deus). *Revue Internationale de Philosophie*, vol. 101 (1972), pp. 345-354.)

e conteúdo do cristianismo são humanos, atribuindo à humanidade as qualidades que antes eram atribuídas a Deus, como a infinitude. Feuerbach, portanto, não dissolve a teologia no ateísmo, mas na antropologia, ou seja, seu foco não está em refutar a teologia, mas em preservar seu verdadeiro conteúdo: o ser humano. O novo lema de Feuerbach é: "*Homo homini deus est*" [o homem é para o homem Deus]. A ênfase no ser humano, para Feuerbach, não está apenas em contraste com a teologia, mas também com Hegel. Em vez de se tratar do "espírito absoluto de Hegel", Feuerbach se preocupa com "um ser real, (...), o ser humano" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 5. 1967, p. 16).

O homem (como espécie) estava no centro de *A Essência do Cristianismo*, mas ainda não em sua existência sensual. Após sua principal obra, ocorre uma virada antiespeculativa (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 180) e materialista em sua filosofia (Cf. Schuffenhauer, Vol. 20, 1972, p. 1462), na qual o pensamento deixa de ser considerado uma atividade do absoluto para ser visto como uma “atividade de um ser vivo, sensual e individual” (Cf. Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 243). A crítica à religião realizada em *A Essência do Cristianismo* torna-se, nesse período, crítica à filosofia (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 9. 1967, p. 239), e Feuerbach busca fundamentar uma filosofia "humana" contra a filosofia hegeliana, que, segundo ele, “alienou o homem de si mesmo” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 9. 1967, p. 247).

Enquanto a antiga filosofia se baseava na autoconsciência e colocava o Eu pensante no lugar de Deus, Feuerbach coloca o homem no centro, não como um ser isolado, mas em relação com o Eu e o Tu. Segundo Martin Buber, Feuerbach “introduziu a ‘descoberta do Tu’, que poderia ser considerada a ‘revolução copernicana’ do pensamento moderno (...)” (Cf. Buber, 1948, p. 62). Feuerbach enfatiza especialmente o encontro amoroso com o Outro, afirmando que não há outra prova da existência senão o amor e a sensualidade. A Nova Filosofia dedica-se, assim, não apenas a questões teóricas, mas também ao programa de uma nova ética. Contudo, essa nova filosofia prática baseada na perspectiva sensualista é apenas anunciada nesse período, sendo abordada mais detalhadamente apenas em sua filosofia moral tardia.

2. A relação do homem com a natureza

Pode-se falar em três estágios da crítica à religião de Feuerbach. O primeiro é representado por *A Essência do Cristianismo*, o segundo por *A Essência da Religião* e o

terceiro por *A Teogonia*. No primeiro, é o homem; no segundo, a natureza; e no terceiro, o desejo, considerado a origem da religião. No segundo estágio da crítica à religião, Feuerbach apresenta a natureza como o fundamento de todas as coisas e o objeto da religião.

Embora na *Essência do Cristianismo* a razão, e também, o objeto da religião ainda fosse a essência do homem (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 1967, p. 29), em *A Essência da Religião* o sentimento de dependência é identificado como fundamento da religião. A dependência do homem em relação à natureza é evidenciada particularmente na religião natural, cuja função positiva, segundo Feuerbach, está em demonstrar "a verdade dos sentidos"(Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 101)., ou seja, o papel significativo da sensualidade.

O homem vive em relação estreita com a natureza, algo que Feuerbach expressa claramente ao comparar a relação mãe-filho à relação entre natureza e homem. No entanto, da verdade da religião natural deve-se ainda chegar à verdade da filosofia, pois a religião representa apenas uma etapa intermediária, uma "transição" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 334) em sua filosofia. Dessa forma, a religião é funcionalizada (Cf. Hüsser, 1993, p. 101), tendo valor apenas enquanto aponta para a relevância dos sentidos. A religião natural, portanto, não passa de um estágio não esclarecido da humanidade, pois não apreende a natureza "em sua realidade", mas apenas "como ela aparece à razão não instruída" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 45).

Depois de abandonar o ponto de vista da religião natural não esclarecida, Feuerbach concentra-se na natureza, que, em sua necessidade, só pode ser compreendida "por si mesma". Feuerbach busca reconduzir o homem à "natureza independente", como ela é, e não como o homem a imagina. Com essa natureza, sem a qual o homem não é nada e pela qual pode ser aniquilado (Cf. Feuerbach *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 39), que ameaça o instinto natural de autoconservação do homem, é necessário lidar, sem se iludir que ela seja semelhante ao homem. Feuerbach agora considera a natureza apenas como "uma força cega, fria e insensível".

A natureza, como aquilo que não é humano, não pode ser apreendida nem religiosamente nem conceitualmente, mas permanece "submetida ao sentimento", especialmente ao sentimento de dependência. Por meio desse sentimento, Feuerbach demonstra que o homem, como ser natural, não depende de Deus, mas da natureza, e que

seu Deus nada mais é do que a natureza, sendo que não há mais Deus na natureza, mas apenas a natureza sem Deus.

A crítica de Feuerbach à religião natural deixa claro que o homem não deve preocupar-se primariamente com a natureza, que ele de qualquer maneira não pode compreender, mas consigo mesmo, com sua autoconservação. Enquanto o "homem supersticioso e inculto" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 340) tinha a religião natural, podia proteger-se da natureza. Agora, o homem está entregue ao próprio homem, que deve cuidar de sua autoconservação e seu egoísmo, pois a natureza "implacavelmente o devolve a si mesmo" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 42).

Dado que a vida do homem é "o bem mais elevado, a essência mais elevada do homem" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 64), que deve ser preservada, o homem, por razões egoístas, transforma aquilo de que depende em seu Deus. Contudo, o que de fato é divinizado não é um ser transcendente nem as forças da natureza, como o sol ou a lua, mas a própria vida humana. Assim, a ênfase na natureza tem, em última análise, uma função antropológica. Feuerbach não consegue restaurar a dignidade da natureza em sua polêmica contra o cristianismo. Sua rejeição da concepção cristã da natureza não leva necessariamente a uma valorização da natureza, já que Feuerbach parece ignorar uma alternativa: é possível ser contra o cristianismo e contra a natureza ao mesmo tempo.

Feuerbach banuiu o divino tanto do homem quanto da natureza, mas ignorou que, ao inverter Deus para o homem em *A Essência do Cristianismo*, manteve a ideia de um "Absoluto", que ele inicialmente atribui à humanidade como espécie e depois ao homem como ser sensual e individual. Essa pretensão de absoluto não é resolvida e aparece claramente no instinto de autoconservação humano. Ele não consegue conciliar essa pretensão de absoluto do homem com a natureza: a natureza, que ameaça essa pretensão, deve agora ser dominada pelas ciências.

3. A filosofia moral tardia de Feuerbach

Agora é preciso analisar se Feuerbach, partindo dessas premissas – necessidade natural, instinto de autoconservação e egoísmo –, consegue elaborar uma filosofia moral que esteja à altura da filosofia prática pretendida. Feuerbach tenta, ao reconduzir a

vontade à necessidade natural, destacar o caráter natural do homem, afirmando que a vontade humana age em conformidade com a natureza. A questão de saber se alguém "poderia ter agido de outra forma" (Feuerbach *Gesammelte Werke*, Vol. 20. 1967, p. 36) em um evento passado é claramente respondida por Feuerbach de maneira negativa, pois "com esta natureza assim determinada, eu só poderia decidir-me e agir como decidi e agi" (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 11. 1967, p. 89). Sua posição determinista é explicitada quando Feuerbach afirma que tudo o que acontece, acontece necessariamente.

O imperativo categórico é duramente criticado por Feuerbach e substituído pelo imperativo categórico do instinto de felicidade (Cf. Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 11. 1967, p. 97). Para Feuerbach, felicidade equivale ao amor-próprio, que está relacionado à felicidade do Outro, ou seja, trata-se do amor-próprio (egoísmo) tanto do Eu quanto do Tu. Contudo, considerando que a relação Eu-Tu em Feuerbach estava originalmente associada ao conceito de espécie, ele deve buscar uma nova base para essa relação em sua Nova Filosofia, pois o conceito de espécie foi abandonado em favor do sensualismo, do indivíduo. Feuerbach traduz o individualismo sensualista em ética ao enfatizar não um amor abstrato, mas o egoísmo. No egoísmo, o homem não se revela como um ser geral e abstrato, mas como um indivíduo concreto e sensual.

Um ponto problemático na filosofia moral de Feuerbach consiste em saber se a concepção de egoísmo é compatível com a ideia da relação Eu-Tu. Já no século XIX, houve divergências na análise desse problema. Alguns afirmavam que Feuerbach defendia um egoísmo estrito, enquanto outros interpretavam sua filosofia a partir da prioridade do Tu (Tuísmo) (Cf. Ferruccio *in* Braunn, 1990, p. 399). Deve-se enfatizar, antes de tudo, que o egoísmo feuerbachiano não é solipsista, na medida em que reconhece o egoísmo do outro. Sua moral consiste em uma felicidade comunitária, ou seja, em um egoísmo comunitário, pois a felicidade é egoísmo tanto do Eu quanto do Tu: “não existe apenas um egoísmo singular ou individual, mas também um egoísmo social” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 341). Quanto à motivação do egoísta, Feuerbach, em minha opinião, adota uma concepção de egoísmo que inclui o outro, mas que ainda assim permanece "autorreferencial" (Cf. Ferruccio *in* Braunn, 1990, p. 400), uma vez que “todo amor” é sempre e, em primeiro lugar, “amor-próprio indireto” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 61). Feuerbach parte, de fato, do princípio geral de que “devo reconhecer e respeitar o outro, se quero ser reconhecido e respeitado por ele” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol.7, 1967, p. 141). “O amor exige”, segundo Feuerbach, “amor

recíproco, ou seja, amor por amor” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 11. 1967, p. 77). A concepção de amor de Feuerbach, portanto, não é de amor como entrega do Eu ao Tu, mas uma expressão do amor-próprio de cada indivíduo, “pois, se não me amo primeiro, se não me venero, como posso amar e venerar aquilo que me é útil e benéfico?” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 6. 1967, p. 62).

Feuerbach afirma, em outra passagem: “nós reconhecemos até mesmo o seu egoísmo, mas exigimos que, em troca, você também reconheça o nosso egoísmo” (Feuerbach in Schuffenhauer, 1994, p. 411). Assim, trata-se de um egoísmo recíproco: não apenas o meu egoísmo, mas também o do outro, embora, em primeiro lugar, devido ao meu egoísmo. Isso pode ser considerado o núcleo da filosofia moral de Feuerbach em seus escritos tardios. Dessa forma, Feuerbach abdica de um modelo cooperativo, solidário e dialógico de comunidade e defende a instrumentalização do Tu em benefício do Eu, sem deixar espaço para uma concepção positiva da relação Eu-Tu. “Viver significa usar outros seres como meios para o próprio bem” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 10. 1967, p. 82). Embora o Tu seja considerado, isso ocorre apenas em função do Eu; os interesses dos outros são respeitados, mas apenas porque o Eu deseja que seus próprios interesses também sejam respeitados. No “*Individualismo Comunitário*” (Rawidowicz, 1931, p. 196) feuerbachiano, o Eu, em última análise, vê a si mesmo no outro, considerando o outro apenas como “representante” dos interesses do Eu. Isso se torna claro na concepção de compaixão de Feuerbach: “Cada homem [...] sente o infortúnio alheio como uma possibilidade de seu próprio infortúnio, mas também acredita que o bem que faz ao outro é, de fato, feito a si mesmo, para o caso de um infortúnio próprio. Mercantilmente egoísta em sua formulação: o homem dá, por assim dizer, apenas esperando juros” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 7. 1967, p. 118).

O “egoísmo social” de Feuerbach tem, essencialmente, a função de preservar o meu Eu e proteger os meus interesses. Assim, ser egoísta e ser um ser social são compatíveis. A base do egoísmo social é o instinto de autoconservação. Se eu não respeito o outro, existe o risco de que o outro também não me respeite. Manter esse relacionamento em equilíbrio significa proteger o instinto de autoconservação tanto do Eu quanto do Tu. “Aquilo que fere meu impulso de felicidade, que contradiz meu amor à propriedade, meu amor-próprio em geral, não deve e não pode existir” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 11. 1967, p. 96). Aqui, o fundamento do egoísmo social torna-se muito evidente. Trata-se, em última análise, de uma união de indivíduos que têm a intenção de proteger o

próprio Eu. A questão do reconhecimento do egoísmo mútuo, para Feuerbach, não pertence mais ao campo da moralidade, mas sim ao do direito ou do direito penal. Para ele, o direito é “não um egoísmo singular, mas sim um egoísmo duplo ou recíproco – o amor-próprio que, ao reconhecer o amor-próprio dos outros, assegura e garante a própria existência e validade” (Feuerbach, *Gesammelte Werke*, Vol. 7. 1967, p. 141)

Feuerbach, em sua polêmica contra a filosofia moral kantiana – que, no entanto, não é apenas uma crítica a Kant, mas também à teologia cristã, na medida em que Feuerbach reduz a ética de Kant à teologia –, empreende a naturalização da vontade. Dessa forma, a filosofia moral de Feuerbach pode ser vista como uma extensão de sua crítica à religião, pois ele identifica na vontade kantiana uma premissa teológica que deve ser reconduzida à sua base antropológica. Feuerbach já havia empregado um método semelhante em sua crítica a Hegel na Nova Filosofia, ao reduzir a filosofia de Hegel, que ele associava à teologia, à antropologia. O princípio orientador tanto na crítica a Hegel quanto na crítica a Kant é que o idealismo é teologia e, portanto, deve ser reduzido à antropologia. No final das contas, Feuerbach concebia sua filosofia como uma antropologia destinada a substituir tanto a teologia quanto a metafísica.

Feuerbach deseja excluir qualquer fundamentação teológica e metafísica para a ação ética, e para isso recorre à sua compreensão da natureza, que se revela fundamental para sua antropologia. Em sua redução naturalista da ética, que visa à conexão do ser humano com a natureza, Feuerbach recorre a uma concepção de natureza, cujo traço fundamental é a necessidade natural. Ao reduzir a vontade à natureza assim compreendida, ele adota de forma consequente uma posição determinista, rejeitando, portanto, a responsabilidade pela ação humana. Além disso, Feuerbach, em consonância com sua postura naturalista, enfatiza que o ser humano não é nada mais do que um produto de suas circunstâncias, que, por sua vez, são necessárias tal como são. Na filosofia tardia de Feuerbach, trata-se, de fato, de um empreendimento que leva a uma "desconstrução" da liberdade humana. A ação humana não está mais, como em Kant, ligada à autodeterminação, mas à determinação natural, que se expressa especialmente pelos impulsos.

Feuerbach não consegue, com sua ênfase nos impulsos, especialmente no impulso de autopreservação, que é idêntico ao impulso da felicidade, realizar o programa ético de sua Nova Filosofia, um projeto que ele ainda perseguia durante a elaboração de seus escritos moral-filosóficos tardios. Feuerbach, que aparentemente parte da relação

Eu/Outro, acaba, em sua ética tardia – apesar de sua tentativa de superar a filosofia da subjetividade, que parte do Eu pensante, através da ênfase no Outro – por situar-se no Eu, mesmo que este seja um Eu concreto e sensual. A dependência do Outro permanece, em seu egoísmo social, autocentrada, e tem como objetivo último proteger o impulso de autopreservação do indivíduo. Embora Feuerbach tente, como na reinterpretada concepção de seu entendimento sobre o amor, conciliar a intenção original dos *Princípios da Filosofia do Futuro* com o egoísmo, essa concepção tardia, apesar dos esforços de Feuerbach, se distingue de forma fundamental da ética do amor pretendida na Nova Filosofia.

Um mérito incontestável de Feuerbach é ter chamado a atenção para a intersubjetividade. Além disso, ele destacou corretamente que essa relação entre o Eu e o Outro não deve ser compreendida apenas como algo mental, mas também como algo sensual. No entanto, se a ênfase de Feuerbach no Outro, na relação sensual Eu-Outro, deve ser vista como um progresso na filosofia do século XIX, é preciso também considerar que sua abordagem dessa relação fica bastante aquém das análises desse tema feitas no nosso século, como as de M. Buber. Embora seja um feito de Feuerbach ter visto e tematizado essa problemática, suas exposições permanecem insatisfatórias, pois o que ele queria criticar continua a existir: a autorreferência, agora não mais de uma natureza idealista, mas sim naturalista. Apesar de apresentar uma filosofia do Eu e do Outro, que opera predominantemente com categorias como impulso de autopreservação, amor-próprio, afirmação de si, interesse próprio e egoísmo, Feuerbach acaba entrando em sérias dificuldades.

Referências

FEUERBACH, L. *Gesammelte Werke*. Hrsg. v. Werner Schuffenhauer. Berlin 1967 ff. Seit 1993 hrsg. v. der Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften durch Werner Schuffenhauer. Siehe dazu C. Bruaire, L'homme miroir de Dieu. *Revue Internationale de Philosophie*. 101 (1972): 345-354.

FEUERBACH, L. Zur Moralphilosophie (1868). Kritisch rev. Ed. besorgt von Werner Schuffenhauer. In: *Solidarität oder Egoismus. Studien zu einer Ethik bei und nach Ludwig Feuerbach*. Hrsg. v. Hans-Jürg Braun. Berlin, 1994.

BÜBER, M. *Das Problem des Menschen*, Heidelberg, 1948.

FERUCCIO, A. Feuerbach und die Kantische Ethik, S. 399. In: *Ludwig Feuerbach und die Philosophie der Zukunft*. Hrsg. v. Hans-Jürg Braun u. a. Berlin 1990

HÜSSER, H. *Natur ohne Gott. Aspekte und Probleme von Ludwig Feuerbachs Naturverständnis*. Würzburg, 1993.

RAWIDOWICZ, S. *Ludwig Feuerbachs Philosophie. Ursprung und Schicksal*. Berlin, 1931.

Recebido em: 17/04/2025

Aprovado em: 10/11/2024

Publicado em: 27/02/2026